



DOBRANDO O MODELO DA DIFERENÇA SEXUAL: INGESTÕES E DIGRESSÕES ENTRE O SISTEMA CIRCULATÓRIO E OS EFEITOS DA PELE

Tui Xavier Isnard¹

“Nanotecnologicamente vitoriosas” - Ventura Profana

INTRODUÇÃO: UMA CARNE, DUAS CARNES, SEXO SEM FIO

O presente ensaio busca apontar para uma mudança no modelo da diferença sexual de anatomofisiológico (século XVIII-XIX) para o modelo bioquímico (século XX-XXI). Para tanto, mobilizarei, a princípio, o procedimento de Laqueur (2001) para historicizar o sexo e a diferença sexual, assim como a proposta de Moore (1997) de “conceito nativo ocidental de gênero” para sugerir a mudança de paradigma no interior do olhar ocidental no que tange à diferença sexual. Posteriormente, trarei para a análise a leitura de Rose (2012) sobre a biopolítica e a biologia do século XXI em relação ao conceito de biodrag utilizado por Preciado no livro “Testo Junkie” (2018), para sugerir a emergência de um modelo bioquímico de substancialização total da diferença sexual através da mudança de escala dos marcadores de gênero.

Com o objetivo de tensionar o conceito de performatividade proposto por Butler no livro “Problemas de Gênero” (2017), a última parte do ensaio pretende apontar para novos limites da performatividade dentro do regime farmacopornográfico (PRECIADO, 2018), tendo como ponto de partida a emergência de medicamentos compostos por hormônios sexuais sintetizados, assim como sua circulação entre dissidentes de gênero. Nós, ao utilizarmos dos medicamentos enquanto códigos de gênero, refletimos os efeitos da performatividade bioquímica e anatômica dos marcadores de diferença que estruturam o modelo de diferença sexual.

Busco neste ensaio mobilizar alguns conceitos e autores que estão apontando, ou nos ajudam a apontar, para uma mudança de paradigma em relação ao sistema de diferença

¹ Desistente do sistema sexo-gênero, tenho afinidade radical com pequenas espécies, cansado de ser humano y mestrando em antropologia pela Unicamp. Contato: tui.antux@gmail.com



sexual. As pistas que temos para treinar o olhar para as novas camadas das diferenças estão delimitadas por objetos técnicos, metáforas, e a modulação ou alcance do olhar. Assim, parto da suposição que o modelo ortopédico e arquitetônico de disciplina corretiva e assujeitamento dos corpos, descrito por Foucault em diversos dos seus trabalhos, encontra agora um modelo mais mole, viscoso, elástico, micro, bioquímico, com o qual estabelece relação. Assim como Foucault aponta que a passagem do poder soberano para o biopoder não é uma ruptura sem vestígios (1999), assumo que o momento atual de controle farmacopornográfico emerge em fricção com o “antigo” modelo disciplinar. Em que o corpo como máquina e o poder como dispositivos ortopédicos não deixam de atuar, entretanto abrem espaço para uma dimensão de ingestão e bio-performatividade de gênero.

As proliferações de conceitos e metáforas para falar de um regime de controle, *hig-tec*, sem fio, quente, aplanado, desterritorializado, emergem em várias áreas do conhecimento que buscam descrever o momento atual de modulação das subjetividades e mercadorias. Utilizarei desta intuição semântica para pensar as alterações que ocorrem no modelo de diferença sexual, quando afetado pelo ingresso da endocrinologia e seus objetos/derivados técnicos. Laqueur, no livro “*Inventando o Sexo*” historiciza a categoria sexo demarcando suas mudanças ao longo de largos séculos. O autor resgata anedotas e metáforas para falar do corpo e da carne do século II ao século XIX sugerindo que no século XVIII há uma mudança no modelo da diferença sexual.

O modelo de uma só carne e dois gêneros diferenciados pela incidência de calor interno (II-XVIII) se realizava enquanto diferença de grau. Assim, todos os corpos seriam de igual natureza. Laqueur aponta que o modelo de uma carne é hierárquico, uma vez que a diferença de grau de calor produz dois lugares sociais que se sobrepõem hierarquicamente na organização cultural dos gêneros. A noção de mais ou menos perfeito nos ajuda a compreender o posicionamento hierárquico da diferença. Sendo o corpo com mais incidência de calor, ou seja, aquele corpo que tem os órgãos sexuais externos, mais perfeitos do que o corpo com menos incidência de calor, ou seja, aqueles corpos com órgãos sexuais internos.

A divisão binária de categorias da carne, corpo e gênero, pressupunha uma atração e uma relação de amor entre iguais, e ainda que binários, os gêneros não eram assim tão estáveis, visto que o calor que produz a internalidade ou externalidade dos órgãos genitais



podia, ao longo da vida de um sujeito, sofrer interferências por suas atividades físicas ou por atravessamentos diversos. Era possível que um corpo com baixa incidência de calor passasse a externalizar os órgãos genitais, como, por exemplo, no caso de “meninas” que corriam ou executavam atividades físicas intensas. Desta forma, era culturalmente recomendado que “meninas” se portassem de forma mais “fria” para que não houvesse o risco do corpo passar a produzir mais calor e, com isso, o status social e jurídico da “menina” tivesse que ser modificado para “menino.” O contrário não era verdade, um corpo “mais perfeito” não poderia, em nenhuma hipótese, tornar-se menos perfeito, uma vez que “a natureza tende à perfeição” (LAQUEUR, 2001, p. 164) a perda de calor e internalização dos órgãos genitais não era um fato observável.

Laqueur é enfático ao dizer que a passagem do modelo de uma carne para o modelo de duas carnes não decorre do progresso científico, visto que muitas descobertas levariam a reforçar uma androginia primeira dos corpos. Assim, para o autor o que empurrou a mudança do modelo de diferença sexual está calcado nas lutas sociais que tensionavam culturalmente o que se entendia como permitido e razoável para as mulheres e o que se entendia como uma mulher. Entretanto, o autor aponta que a revolução científica do final do século XVII, com a emergência do baconismo e do mecanicismo cartesiano, gerou possibilidades de compreender o corpo através de outros paradigmas, baseado, principalmente, no conceito de natureza.

O modelo de duas carnes, então, se estrutura como fundamentalmente diferentes. A ideia de corpo mais ou menos perfeito perde validade explicativa e é reelaborado enquanto diferença incomensurável. A ideia de oposição emerge enquanto substituto da variação de grau, a diferença se torna um dado e o processo de diferenciação uma prática. A produção da imagem do esqueleto humano é um bom exemplo para demonstrar a passagem do modelo de uma carne para o de duas. Segundo Laqueur,

só em 1759 é que alguém se importou em reproduzir um esqueleto feminino detalhado num livro de anatomia para ilustrar suas diferenças do esqueleto masculino. Até essa época havia uma estrutura básica do corpo humano, e essa estrutura era masculina. (LAQUEUR, 2001, p.22)

Os ossos da pélvis representam a marca de diferença da reprodução de dois modelos do esqueleto humano. A diferença sexual chega até os ossos. Barclay utilizou a musculatura de um cavalo como referência para produzir a imagem da ossatura de um homem e o esqueleto



feminino é estruturado através da imagem de referência do esqueleto de um avestruz. As diferenças especulativas que denotam uma maior semelhança óssea entre mulheres e avestruzes do que entre mulheres e homens, é efeito da necessidade de buscar evidências de dois sexos distintos, e essa necessidade é produzida, segundo Laqueur, no momento em que as diferenças se tornam politicamente importantes, entretanto “a linguagem do gênero impregna a linguagem da ciência na construção da diferença sexual” (LAQUEUR, 2001, p. 92).

Assim, ainda que os movimentos de contestação de gênero tenham sido um dos elementos que empurrou o giro paradigmático do modelo de diferença sexual, e os estudos anatômicos e descobertas científicas apareçam enquanto evidências, a própria maneira científica de produzir estas diferenças de sexo estava intimamente ligada a concepções anteriores de gênero. Segundo Laqueur “quando as diferenças foram descobertas elas já eram, na própria forma de sua representação, profundamente marcadas pela política de poder do gênero” (LAQUEUR, 2001, p. 22). Com esta afirmação, o autor ressalta, assim como Butler (2017) faz mais tarde, que o sexo sempre foi o gênero, ou seja, a ideia que temos de sexo como algo imutável do campo da natureza e do conhecimento biológico, está elaborado por concepções sociais que temos sobre o gênero.

A proposta neste ensaio é mergulhar em uma terceira hipótese emergente no modelo da diferença sexual: O sexo sem fio. Esse termo se volta para duas questões, primeiro a diferença sexual segue a privilegiar o conceito de sexo, em detrimento do conceito de gênero, para analisar o processo de formulação e permanência da diferença sexual. Segundo Laqueur, o modelo de uma carne privilegia o termo gênero, enquanto o de duas carnes, o termo sexo. Preciado dá continuidade ao sexo como palavra mais específica para analisar os problemas atuais.

Uma segunda questão será trabalhada com maior profundidade no tópico a seguir. A ideia de “sem fio” emerge enquanto metáfora adequada para tratar linguisticamente as concepções que temos sobre o corpo humano. Carne, não seria uma palavra assim tão adequada, se levarmos em conta que a mudança de nível do problema está ancorada na produção de conhecimento sobre as glândulas, gônadas e sua circulação de substâncias sexuadas. Segundo Preciado, “em meados do século XIX adquire-se um grande conhecimento sobre glândulas que não tinham canais, glândulas que se comunicam apenas com os vasos



sanguíneos. O paradigma do sexo sem fio tinha sido estabelecido” (PRECIADO, 2018, p. 171).

A ENTRADA DOS HORMÔNIOS SEXUAIS NA CENA DO GÊNERO

Com o advento dos hormônios sexuais, podemos perceber aproximações linguísticas entre os conhecimentos biomédicos e os conhecimentos da informática para significar, e, sobretudo, explicar, o funcionamento dos hormônios sexuais, e por consequência o funcionamento integrado do corpo humano. O raio-x, por exemplo, é para Rose paradigmático na leitura de uma nova escala de visualização do corpo que afeta o olho humano em uma dimensão interna e microscópica. Este tipo de tecnologia que afeta a capacidade de olhar do humano sobre seu corpo exige uma reelaboração analítica sobre o próprio corpo, o ser humano e as dimensões da vida. Assim, as novas tecnologias de visualização abrem o corpo em uma escala menor que as elaboradas pela anatomia do século XVIII.

Mais do que um aprofundamento de escala, algumas concepções se friccionam, o argumento do sexo como definido por gônadas -por partes da carne- se vê enfraquecido no momento em que passa a importar o que essas gônadas produzem, a que órgãos suas produções se endereçam e quais os efeitos físicos materializados pela comunicação química. A biologia, a prática biomédica e o campo de metáforas sociais são alimentados por novas possibilidades de relação que decorrem da comunicação sem fio e de tecnologias de visualização interna do corpo.

Acompanhar as mudanças e disputas do campo endocrinológico entre 1905 a 1940 nos ajuda a perseguir dicas que apontam para a mudança do paradigma do corpo-máquina para o corpo-sistema integrado. Um breve percorrido histórico pode nos auxiliar a perceber a emergência do modelo sistêmico do sexo. Em 1767, o cirurgião escocês John Hunter transplantou testículos de galos para a cavidade abdominal de galinhas e testículos de ratos castrados para o corpo de galos. Estes transplantes ficaram conhecidos como fundadores da relação entre testículo e masculinidade. Apenas um século depois, o fisiologista alemão



Arnold Adolph Berthold, voltou a experimentar com galos, ele removia os testículos e implantava em outras partes do corpo do animal.¹

A pesquisa de Berthold apontou para a possibilidade de que haja uma transmissão química de informações contidas nos testículos “uma vez que estas secreções parecem circular por todo o corpo por meio da corrente sanguínea e são independentes do lugar em que os testículos foram reimplantados.” (PRECIADO, 2018, p.168) A técnica de corte e costura, advinda do modelo de corpo mecânico, foi responsável pela intuição de que, ainda que os significantes materiais do gênero pudessem se mover pela carne, algo que os olhos ainda não podiam ver, era produtor dos efeitos de masculinidade e feminilidade.

Foi apenas em 1905 que os fisiologistas ingleses Ernest Henry Starling e William² Bayliss produziram o conceito de hormônio durante as pesquisas de descoberta da secretina. É interessante pontuar que o termo surge no mesmo ano em que Freud começa a escrever sobre o inconsciente, o que produziu uma separação entre sexualidade e sexo, ou também, entre órgão e agente da sexuação deste órgão, ou entre carne e substância invisível. Assim, o sexo sem fio se torna independente da carne, ainda que sua ação se reflita em seu exterior -a pele- e em toda conformação material da carne. Enquanto mensageiro químico, os hormônios dependem do local de produção, do local de recepção e da circulação sanguínea integrados e descritos como sistema de comunicação. Os hormônios são caracterizados pela capacidade de ação invisível a distância. Bayliss e Starling os entendem “como portadores de mensagens químicas transportadas pelo sangue a partir de órgãos em que são produzidos para o órgão em que devem agir” (PRECIADO, 2018, p.173).

O próprio meio de transmissão entre lugar de produção e lugar de recepção é potencialmente interessante para a produção metafórica. Ou seja, os hormônios circulam através do sangue, e isso passa a importar, talvez até mais do que as gônadas produtoras dos hormônios ou os órgãos receptores. Os hormônios passam a ser reconhecidos como mensageiros, assim, a sua agência/ação/ato/gesto e a mensagem que ele carrega denota o novo sistema de inteligibilidade da diferença sexual, ou o signo estanque de um paradigma da diferença sexual que está emergindo.



Foi em 1935 que Adolf Butenandt, um bioquímico alemão, membro do partido nazista, “coletou 25 mil litros de urina nas delegacias de Berlin e isolou 50g de uma substância cristalina que denominou androsterona” (PRECIADO, 2018, p. 177). Com o isolamento, e posteriormente, a sintetização, os hormônios deixam de ter status de molécula e passam a ser *pharmakon*, substância capaz de exercer a função de remédio ou veneno a depender da dosagem e forma de manipulação. Assim, os hormônios passam “de silenciosas cadeias de carbono para entidades biopolíticas” (PRECIADO, 2018, p. 180).

Como vimos acima, os hormônios nascem sendo conceituados através da teoria da informação, e o sexo, cada vez mais hormonal, torna-se, gradualmente, informação óptica advinda de efeitos bioquímicos. O sexo químico é substância que percorre todo o corpo, tendo enquanto efeito a substancialização sexual total do corpo, que passa a ser engendrado em toda sua geografia. A interioridade da alma, enquanto verdade sexual do sujeito, é substituída pela ideia hormonal, que assim como a ideia de alma, ocupa o campo de disputa de uma verdade fundadora e imutável do sujeito, no que tange o sexo, a sexualidade e o gênero. As técnicas de moldar a alma se tornam então, técnicas de ingestão de hormônios sintetizados.

O esqueleto, os ossos, os tons vocais, os pelos e os lugares em que eles despontam, as protuberâncias são todos dados admitidos como hormonais. Os hormônios passam a responder por tudo que gera sexo e gênero. Enquanto causa e também efeito da aparência, eles circulam em todos os corpos. De forma “*in situ*” ou protética fizemos-nos dependentes de suas metáforas para dizer e fazer gênero.

BIOLOGIA(S) E DIFERENÇA(S)

Retomando Laqueur, “as diferenças que fazem diferença são historicamente determinadas” (LAQUEUR, 2001, p.95). Assim, se os conceitos de sexo e de gênero são igualmente históricos e, por isso, passíveis de serem transformados, se faz necessário perguntar quais seriam as motivações que empurraram esses conceitos para novos sentidos. Me parece oportuno tecer esse fio ao debate apresentado pela antropóloga Henrietta Moore,



sobre a particularidade dos conceitos de sexo e gênero que trabalhamos desde uma perspectiva ocidental.

Moore, caminha ao lado de Laqueur ao apontar que a forma que entendemos sexo e gênero não passam de conceitos nativos ocidentais. Estes conceitos englobam uma determinada percepção sobre natureza e cultura enquanto pares opostos. A autora orienta que, “a própria noção de sexo, de uma propriedade biológica ou de um conjunto de processos biológicos, que existem independentemente de qualquer matriz social, é o produto do discurso biomédico da cultura ocidental” (MOORE, 1997, p. 7). Assim, quando evocamos a “natureza” ou a “biologia” para explicar o sexo estamos submetendo ele a conceitos culturalmente elaborados pelo ocidente, através de uma autoridade discursiva que se enuncia enquanto pré-discursiva.

O termo “natural” segundo Moore atua discursivamente quando queremos descrever o que ocorre no campo social, e colado a esta ideia ativamos a biologia como recurso explicativo para traçar a linha de diferença entre o contingente e o necessário, o verdadeiro e o falseado. Buscando na biologia uma origem que descreva as diferenças e desigualdades sociais, assentamos -e aceitamos- uma ideia sobre biologia que Moore aponta não corresponder com o que as próprias pesquisas contemporâneas em biologia explicam, segundo a autora “a pesquisa contemporânea em biologia rejeita explicitamente esse ponto de vista, argumentando, ao contrário, que a biologia é um componente dinâmico de nossa existência, e não um determinante de mão única” (MOORE, 1997, p.1).

Assim, as pesquisas em biologia rejeitam o uso que fazemos dela enquanto sinônimos de natural, original, estável, e, sobretudo, purificada do ambiente social através de uma relação de oposição entre o que seria o “social” e o “natural”. Segundo Moore, atualmente a biologia se pensa a si própria como algo que “pode condicionar o comportamento de alguma maneira, mas o comportamento, por sua vez, pode modificar a fisiologia individual” (MOORE, 1997, p. 1). Em termos de hormônios sexuais enquanto medicamentos comercializáveis, me interessa pensar a forma que o comportamento modifica a fisiologia individual e tensiona, por consequência, as normas de inteligibilidade humana cedidas pela categorização dos gêneros. Entrarei com maior profundidade neste tema no próximo tópico.



Nikolas Rose, no livro “Políticas de la vida: biomedicina, poder y subjetividad en el siglo XXI”, produz um extenso debate sobre a transformação do que entendemos como biológico e, por conseqüência, o que entendemos como humano através do advento das biotecnologias gestadas no início do século XXI, sobretudo no marco do projeto genoma humano. Segundo Rose, o paradigma atual da biologia se vê atravessado pela ideia de molecularização da vida que se trataria de um “estilo de pensamiento de la biomedicina contemporánea” (ROSE, 2012, p.29), no qual se “imagina la vida en el nivel molecular, como un conjunto de mecanismos vitales inteligibles en los que participan entidades moleculares que es posible identificar, aislar, movilizar, recombinar, mediante nuevas prácticas de intervención que ya no se encuentran restringidas por la normatividad aparente de un orden vital natural” (ROSE, 2012, p.29) Assim, a vida molecularizada seria uma forma emergente de pensar a biologia e o humano.

O esforço por apontar uma mudança de escala de visualização da concepção de vida, proposto por Rose, aponta para o mesmo sentido do esforço de Moore, ao dizer que quando, nas ciências sociais, evocamos a ideia de biológico, não estamos falando nos mesmos termos utilizados pelas pesquisas em biologia contemporânea. Esse dado é relevante para produzir um diálogo mais afinado conceitualmente entre os temas que habitam as dobras entre “natureza” e “cultura.” é necessário assim, acompanhar as mudanças do pensamento biológico para produzir relações adequadas nas ciências sociais. Rose denomina o pensamento atual da biologia como a “molecularización de los estilos de pensamiento” (ROSE, 2012, p. 39). A visualização da vida em nível molecular não é um dado pouco relevante para o debate sobre a construção do modelo de diferença sexual que, por si, também é atravessado pela molecularização, experimentando o conteúdo da diferença como parte de um campo microbiológico.

Entretanto, é difícil afirmar uma passagem completa do nível anatomofisiológico para o nível bioquímico da diferença sexual, assim como não é possível afirmar com precisão uma ruptura entre superfície e interioridade do corpo, no que determina, ou gera os determinantes de sexo/gênero. A ideia de dobra é um recurso possível para manter a tensão proposta pela sobreposição dos modelos, que passam a expressar-se tanto na superfície da carne como no seu conteúdo mais interno, que agora pode ser visualizado e especulado por técnicas de visualização que fazem “visible ese cuerpo orgánico interior” (ROSE, 2012, p. 43). Vivemos



em um mundo habitado por “mamografias, ecografias, imágenes fetales, y para el cerebro, electroencefalogramas, tomografias computarizadas por emisión de fotón único, imágenes por resonancia magnética y muchas más” (ROSE, 2012, p.43). Em um mundo desabitado por estas tecnologias de visualização, não seria possível, por exemplo, a recorrente prática do “chá de revelação”.³

É possível traçar uma analogia entre os pares: interno e externo; alma e corpo; natureza e cultura. O interno, como a verdade primeira do sujeito sexuado, está para a natureza e para a alma assim como o externo está para a cultura e o corpo. Entretanto o modelo de diferença sexual bioquímica bagunça esses termos, retirando-os de uma linearidade. Uma vez que “a biologia” assume que o comportamento modifica a fisiologia individual, o externo -cultura- interfere no corpo, que passa a ocupar um lugar ambíguo, uma dobra, entre o “natural” e o “cultural.” O corpo já não é mais prisão da alma, como quis Platão, nem tampouco, como sugeriu Foucault, a alma atua como prisão do corpo (FOUCAULT, 1975, p. 93).

O corpo da circulação de substâncias hormonais deixa de ser, apenas, uma superfície atritada entre cultura e natureza. A cultura escorrega para dentro do corpo, é ingerida e metabolizada. Ainda que, habitando esta dobra multidimensional, as transformações fisiológicas decorridas dos hábitos culturais fazem com que o binômio interno e externo, e por consequência a dureza material da carne, percam autoridade explicativa.

Apesar das mudanças conceituais no interior da biologia, enquanto campo de saber e modo de pensar, seguimos utilizando a metáfora de concretude, natureza, verdade, origem e fixidez atrelados à ideia de biológico. O modelo de diferença sexual de duas carnes é inaugurado junto a classificação de determinadas partes do corpo, como o clitóris que até o século XVIII não tinha nome próprio (LAQUEUR, 2001, p. 189). Neste momento, o corpo é entendido na metáfora da máquina, uma composição de partes que, encadeadas, produz um todo funcional.

Estas partes, quando tratadas de gônadas e genitais, passam a diferenciar-se, no modelo anatomofisiológico, visto que o olhar e a percepção das diferenças se produzem em uma escala da carne do corpo. Assim, o conceito ocidental de sexo, que se fundamenta em uma ideia do que é a biologia, ativando sua autoridade discursiva, se relaciona intimamente com o



processo de produção de diferenças de gênero baseados na repartição do corpo em partes sexuadas e partes não sexuadas.

Para pensarmos o corpo biológico culturalmente produzido Moore aponta que é necessário que as ciências sociais se aproximem da relação entre as “entidades biológicas e as categorias sociais” (MOORE, 1997, p.3), do contrário, não teremos uma compreensão sobre “as múltiplas formas nas quais a cultura interage com a biologia para produzir o mais distintivo dos artefatos humanos: o corpo humano” (MOORE, 1997, p. 3).

Para produzir tal atravessamento devemos levar em conta que a biologia que imaginamos e evocamos discursivamente, não é a biologia que os biólogos produzem. Rose aponta, como mostrado acima, para uma mudança de escala oriunda das técnicas de visualização que emergem, sobretudo, no campo da medicina. O raio-x e a produção/descoberta do seqüenciamento do genoma humano, por exemplo, são para o autor técnicas e práticas do conhecimento, paradigmáticas que produzem uma nova escala do corpo, capaz de desmontá-lo enquanto máquina e dobrá-lo para dentro e para fora ao mesmo tempo.

MUITO MAIS BIOLÓGICO: DA DOBRA BIODRAG

Ainda se faz necessário pontuar a importância do esforço em traçar a hipótese de giro epistêmico do modelo de diferença sexual. As gônadas e órgãos genitais não circulam entre os sujeitos da mesma forma que os hormônios sexuais sintéticos, em sua forma de medicamento. Assim, a emergência deste novo signo da diferença sexual produz o inesperado efeito de ingestão de signos "adversos". Me explico. A testosterona, por exemplo, como extrato químico da masculinidade e representante metafórico da mesma, é sintetizada e comercializada. Assim, as cadeias de carbono produzidas no interior de um corpo podem ser aplicadas em um corpo que tem total capacidade de absorção do hormônio, ainda que o produza em “baixa” quantidade. Ou seja, pessoas que produzem uma maior taxa de estrógeno e progesterona podem acoplar proteticamente a testosterona a seus corpos, o que em muitos casos passa a modificar os traços engendrados do corpo.



Os hormônios, enquanto medicamentos, não foram sintetizados para essa finalidade, mas sua polissemia e ambivalência emerge através de usos adversos ou controversos que proliferam uma vez que este medicamento se espalha entre as relações sociais. São vendidos, trocados e distribuídos permitindo que os corpos que se componham com ele passem a performar biosinteticamente atributos generificados que atravessam a leitura anatomofisiológica do gênero daquele corpo. Me explico. Um corpo com vagina e produtor de “alta” taxa de progesterona e estrogênio e “baixa” taxa de testosterona passou a poder aumentar sua taxa de testosterona com a intenção de reforçar a masculinidade através de símbolos de uma decodificação visual do gênero.

Essa mudança de grau hormonal (modelo de uma carne) reflete em uma mudança de natureza (modelo de duas carnes) visto que os territórios engendrados como órgãos sexuais também são afetados, de forma que o hábito cultural modifica a fisiologia, como apontado por Moore. Além disso, marcadores como incidência e quantidade de pelos, estrutura óssea do quadril, maxilar, mãos e pés também são afetados pelos hormônios ingeridos. Tudo aquilo que eles mudam se torna gênero, pois estes hormônios são classificados enquanto sexuais, assim todo o corpo modificado reflete em uma substancialização total do gênero que circula, como dados, produzindo uma informação sobre o gênero do corpo.

Assim, retomar o modelo da diferença sexual e apontar para possíveis rupturas e emergências é fundamental para a implicação da pergunta desse ensaio: o que ocorre com a diferença sexual no momento em que os hormônios se tornam signos importantes da diferença? O que ocorre quando estes são circulados socialmente enquanto medicamentos, que afetam o gênero enquanto experiência ótica relacional? E, mais especificamente, quais os efeitos para o modelo da diferença sexual quando esses potentes signos de sua fixidez são manipulados por corpos que transgridem os binarismos basilares do modelo da diferença sexual? Não pretendo, neste ensaio, responder estas perguntas, mas é a partir da articulação teórica feita acima que estas perguntas podem surgir. Mobilizarei a seguir alguns indicativos para seguir trabalhando neste campo.

Retomando a proposta de Rose sobre a molecularização, proponho apontar para o efeito produzido pelo olhar molecular. A vida e o corpo humano, ao se integrarem às possibilidades de engenharia do eu, não se tornam menos biológicos e mais ciborgues, como



proposto por Haraway (1985). O autor, em sua diferença, aposta por um incremento biológico ao humano. Diferenciando primeiramente o acoplamento de corpos humanos a objetos técnicos como óculos, aparelhos de audição e marcapassos, esses sim, passíveis de serem lidos na gramática do ciborgue. A prática que venho circulando como interesse de análise aqui: uso de hormônios sexuais sintéticos por dissidentes de gênero, corresponde a um acoplamento de biologia ao corpo biológico.

Neste caso, o corpo não é hibridizado com um aparelho técnico em que, a princípio, é bem delimitado o “caráter humano” e o “caráter técnico” de cada parte e, através de um acoplamento, que decorre em incorporação, se misturam em uma só forma física, na qual se desfazem as fronteiras “técnico-biológico”. No caso da ingestão de hormônios sintéticos o pedido é por mais biologia. Isso se faz evidente pela utilização de algo que é primeiro biológico, produzido no corpo humano, depois sintetizado em laboratório -fora do corpo humano- e, em um último momento, reintroduzido ao corpo humano, já em outra forma, mas atuando em um mesmo circuito. A transformação ótica dos marcadores de gênero, para aqueles que isso buscam, ocorre em um nível orgânico e, segundo Rose, quando se redefine a vitalidade desde dentro, o resultado não é um ser humano que se torna menos biológico “sino mucho más biológico” (ROSE, 2012, p. 55).

A vida e o corpo humano são concebidos em um nível molecular, ou seja, a molecularização do pensamento e da filosofia sobre a vida tem como efeito novas políticas de ação sobre a própria vida. Estamos nos tornando, segundo Rose, sujeitos somáticos vivendo a superfície de nossos corpos, os problemas políticos e suas soluções passam, irremediavelmente, pelo corpo. Vejamos bem, deste ponto de vista, pensar o consumo de hormônios sexuais por dissidências de gênero parece ser apenas uma “nova” camada, ou o nível atual do problema de gênero.

Se a vida, o poder e a norma agem de forma molecular, o campo de resposta, resistência e manutenção da norma, ao que temos agenciamento, também se exprime na molecularização. Neste campo a biologia não se torna destino, e sim, oportunidade (ROSE, 2012, p.121), temos assim a oportunidade de sermos homens ou mulheres biológicos, ou mais biológicos. Na introdução resgatei o modelo de poder disciplinar, ortopédico e arquetônico para, aos poucos, abri-lo ao sistema circulatório e informático, interno e externo que conformam a



biologia do século XXI, e por consequência o modelo de diferença sexual. O poder é ingerível, a disciplina biomodifica molecularmente os sujeitos e produz uma nova série de humanos.

Butler, em “Problemas de gênero”, se preocupou extensamente em pensar os atos de fala performativos que compõem uma norma -de gênero- que humaniza as pessoas ao passo que sejam inteligíveis dentro dos marcadores de diferença desta norma. O grande exemplo da autora é extraído da arte drag, aí vemos a natureza sendo artificialmente constituída. A construção da “mulher” produzida através da performance (no sentido artístico) da drag denuncia a imitação sem original característica do gênero. São as gestualidades repetidas e incorporadas que dão a possibilidade ótica de uma decodificação do gênero, assim como as vestimentas e outros apetrechos que compõem o corpo da pele para fora.

Sem dúvida Butler foi muito sagaz ao utilizar este exemplo privilegiado para ver o corpo engendrado se compondo e decompondo através dos jogos de inteligibilidades disponíveis pelo gênero enquanto norma e produção relacional. Entretanto, não é apenas de roupas, gestos e enunciados performativos que os gêneros se codificam. Os artefatos bioquímicos são emergentes, enquanto significados de gênero no escopo das transexperiências. Muito se fala de hormônios sexuais sintéticos e uma certa expertise somática da experiência se torna tema central nas trocas de dicas e informações sobre medicamentos hormonais.

Ancorado na boa escolha de Butler, Preciado sugere um mergulho no ponto chave da dobra, em que se interioriza e exterioriza o corpo ao mesmo tempo, ao propor o termo “biodrag.” O Primeiro exemplo exposto pelo autor no livro “testo junkie” é a simulação do sangue menstrual que ocorre no corpo de mulheres cis que utilizam pílula anticonceptivas - compostas também, por hormônios sexuais sintetizados- o uso da pílula repete o sangramento natural da menstruação, agora em uma natureza artificial. A imitação teatral da força performativa da linguagem é reformulada em uma gramática da repetição artificial de um fenômeno natural. Ou, segundo as palavras de Preciado, ocorre “a imitação técnica da própria materialidade do ser vivo” (PRECIADO, 2018, p. 205). Esse evento é nomeado pelo autor de biodrag.



O caráter ficcional do gênero se expressa com força na definição de Preciado do termo biodrag, visto que a feminilidade ou a masculinidade emergem enquanto “bioficções somatopolíticas” (PRECIADO, 2018, p.127). Os recursos de Butler e Preciado são os mesmos. Buscam na prática drag a forma de apontar a ficção de gênero em sua repetição e também em sua transgressão da norma. Apontando assim, como a norma atravessa todos os corpos, não apenas aqueles que parecem transgredi-la. A imitação da menstruação que ocorre no corpo de mulheres cis, muitas vezes heterossexuais, que fazem uso de pílulas anticoncepcionais – no conceito de biodrag, em Preciado –, está para os atos de usar maquiagens, determinadas vestimentas e produzir gestualidades concebidas enquanto femininas – no uso conceitual da drag, em Butler. Assim, a proposta de ambos os autores aponta para um mesmo lugar, em escalas molares e moleculares do problema. Assim, Preciado aponta que “O que está sendo representado e imitado tecnicamente pela pílula já não é o código de vestimenta ou um estilo físico, mas um processo biológico: o ciclo menstrual.” (PRECIADO, 2018, p. 205).

(IN)CONCLUSÃO

Este ensaio buscou articular uma série de categorias contemporâneas que possibilitam traçar indicações acerca das mudanças de nível/escala do paradigma da diferença sexual através do intercurso de biotecnologias de ingestão e, modificação dos marcadores ópticos de gênero que se expressam no corpo individual. É necessário recordar, aqui, que gênero é, tanto uma categoria que se significa em relação, como, uma categoria regida por normas de inteligibilidade do humano. Sendo uma categoria situacional e histórica, o gênero - e o sexo- seguem abertos para novas redefinições. Entretanto, neste ensaio busquei olhá-los através de uma perspectiva do corpo, da carne e do sujeito, pois assim, me pareceu mais possível atravessar a discussão da conformação da diferença sexual.

O interesse basilar da escrita foi abrir possibilidade para pensar o que ocorre com o modelo da diferença sexual quando tecnologias e objetos emergem no mundo, transformando as escalas de visualização do corpo, produzindo a emergência de novos sujeitos políticos e, portanto, novas formas de pensar o sexo-gênero do corpo. Os efeitos destas tecnologias no modelo da diferença sexual seguem em debate e a hipótese de uma mudança de paradigma



está por ser investigada. Recolhi, ao longo do ensaio, apenas alguns apontamentos teóricos para trabalhar esta hipótese.

A sugestão de um modelo, que poderia ser nomeado como sexo sem fio, emerge das impressões elaboradas em um mundo de significados microbiológicos e uma linguagem análoga a da informática. Mais do que afirmar uma ruptura, ou um mundo que está por vir, procurei recolher algumas dicas dos efeitos propiciados por modelos que se sobrepõem. As ficções sexopolíticas e as metáforas tecnovivas (PRECIADO, 2018, p.205) que saltam a superfície do debate são efeitos da possibilidade de ingestão dos significantes de gênero e dos hormônios sexuais, como potentes metáforas sobre o gênero do corpo.

A substancialização total da diferença sexual nubla o sexo dualista -duas carnes- e aponta para a diferença sexual como um dado quantitativo -de grau e não de natureza- como elaborado no modelo de uma carne. Entretanto não é suficiente concluir uma retomada a um modelo anterior, ainda que no modelo do sexo sem fio, alguns conceitos articulados pelo modelo de uma carne se vejam re-interpretados. A dobra multidimensional, que se movimenta ao mesmo tempo, para dentro do sistema circulatório e para a superfície da pele, é a possibilidade de tensionar, friccionar e atritar os dois modelos trabalhados por Laqueur.

Levando em conta o pensamento contemporâneo das ciências da vida, entre elas a biologia, podemos nos direcionar a 1) uma gramática sobre o corpo e a vida comum entre as ciências sociais e a biologia, como apontado por Moore, que possibilite uma maior afinidade terminológica entre as áreas e 2) um esforço para traçar com rigor, os efeitos das rupturas e continuidades do modelo da diferença sexual. A ingestão do pensamento molecular, deve ser prática contínua para elaborar uma perspectiva de análise social acerca dos fenômenos de experimentação do gênero e, por consequência, da organização ótica relacional da diferença sexual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, Judith. Problemas de gênero. Rio de Janeiro: Editora civilização brasileira, 2017.



FOUCAULT, Michel. História da sexualidade 1: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

HORMÔNIO in dicionário etimológico da língua portuguesa. Lexikon; 4ª edição (1 outubro 2010).

LAQUEUR, Thomas. Inventando o Sexo. Editora Dumará Distribuidora de Publicações Ltda. Rio de Janeiro, 2001.

MOORE, Henrietta. “Understanding sex and gender”, in Tim Ingold (ed.), Companion Encyclopedia of Anthropology. Londres, Routledge, 1997, p. 813-830. Tradução de Júlio Assis Simões, exclusivamente para uso didático.

PRECIADO, Paul. Testo Junkie: Sexo drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: n-1, 2018.

ROSE, Nikolas. Políticas de la vida: Biomedicina, poder y subjetividad en el siglo XXI. Unipe: editorial universitaria, 2012.

NOTAS

1 Informações retiradas do livro Testo junkie, capítulo 8.

2 Todo esse percorrido histórico é replicado do livro Testo Junkie, capítulo 8. Porém, Preciado aponta para a etimologia de hormônio dando ênfase aos termos: excitar e ativar. Aqui acho interessante trazer a definição do dicionário x: que prioriza o termo “empurrar”. Quero privilegiar a escolha desta palavra pois parece descrever muito bem a ideia de que 1) há algo a ser empurrado (talvez mais invisível do que o próprio hormônio) de um lugar a outro, ou seja, das glândulas produtoras até os órgãos receptores; 2) no caso dos hormônios compreendidos como sexuais, eles empurram os marcadores de gênero para a superfície da pele, desestabilizando ideias recorrentes para pensar o gênero, como “interior” e “exterior”.

3 O chá de revelação é uma festa, um ato performativo, um gesto e um enunciado cirúrgico sobre o gênero. Se refere a prática de juntar amigos e familiares para “revelar” o sexo do embrião ainda em gestação, uma vez feita a ecografia pra distinguir o provável sexo do ser que está sendo gestado os familiares se organizam para relevar, comemorar e fixar o gênero do sujeito por nascer.